

A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NO RELACIONAMENTO CONJUGAL

Elizaneti A. Bereza¹
Jaqueline P. Martins²
Lyliane Moresco¹
Sônia H. M. S. Zanoni¹

BEREZA, E.A.; MARTINS, J.P.; MORESCO, L.; ZANONI, S.H.M.S. A influência da comunicação no relacionamento conjugal. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama, 9(1), jan./abr.* p.31-0, 2005.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar a influência da comunicação no relacionamento conjugal. Para isso foi realizada uma pesquisa com pessoas casadas residentes na cidade de Cascavel-PR, utilizando como instrumento um questionário, sendo que a análise dos dados coletados foi feita de forma descritiva e quantitativa. A partir dos resultados obtidos pode-se concluir que a comunicação influencia o relacionamento conjugal, seja de modo a promover tais relacionamentos, gerando maior intimidade entre o casal ou ocasionando distanciamento, distorção e conflito entre os cônjuges.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Relacionamento conjugal.

THE INFLUENCE OF COMMUNICATION ON THE CONJUGAL RELATIONSHIP

BEREZA, E.A.; MARTINS, J.P.; MORESCO, L.; ZANONI, S.H.M.S. The influence of communication on the conjugal relationship. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama, 9(1), jan./abr.* p.31-0, 2005.

ABSTRACT: This research aims to investigate the influence of communication on the conjugal relationship. A survey was carried out with couples living in Cascavel – Pr, by means of a questionnaire, and the results were analyzed in descriptive and quantitative forms. It was concluded that communication really influences the conjugal relationship either promoting them by producing intimacy or leading to distance, distortion and conflict between them.

KEY WORDS: Communication, conjugal relationship.

Introdução

A comunicação existe em todas as relações, caracterizando-se como um processo dinâmico e intransferível, um movimento dialético entre o ouvir e o falar, em que o homem é aquilo que consegue comunicar ao outro, pois é um ser social pela sua própria natureza.

Entretanto a maioria das comunicações é unilateral: um fala e o outro só ouve (MATOS, 2003). É assim na família, na escola, no trabalho, nas relações entre marido e mulher. No cotidiano, nossa sociedade tem pouco tempo para comunicar-se, gerando falhas nessa comunicação como bloqueios, ruídos, filtragens, que ocasionam distorções no processo, além de muitas frustrações e conflitos interpessoais.

Nesse sentido, o fracasso em conseguir se comunicar de maneira efetiva tem sido citado freqüentemente por teóricos da área como Masters e Johnson (1975), Kaplan (1974), Penteadó (1997), entre muitos outros, como um importante desencadeador de conflitos entre o casal.

Para Salomé (1992), uma das buscas mais antigas e utópicas do ser humano é o comunicar-se com plenitude. Considerando assim, de suma importância, o processo comunicativo, este trabalho tem como objetivos, investigar a influência da comunicação no relacionamento conjugal, bem como as formas de comunicação que o casal utiliza, verificando também o estilo de comunicação usado para se comunicar com o parceiro e as possíveis dificuldades encontradas pelo casal no que se refere ao comunicar-se com o outro em seu relacionamento.

A comunicação é um processo no qual os seres humanos compartilham informações, modos de vida, caracterizando-se como um fenômeno e também como função social, visto que esse compartilhar ocorre por meio de normas estabelecidas pelo próprio homem. Assim, segundo a filosofia ontológica de Heidegger, é um “*estar no mundo junto de outros*” (apud RECTOR E TRINCA, 1985, pg. 26).

Para Guareschi (apud MATOS, 2003), é a comunicação que constrói a realidade, ou seja, algo existe ou deixa de existir, à medida que é comunicado. É por isso que a comunicação é duplamente poderosa: tanto pode criar realidades, como pode deixar que existam pelo fato de ser silenciadas.

Assim Penteadó (1997) ressalta que a própria ausência de comunicação é comunicação, substituindo assim o ditado popular: “Quem cala consente” por outro “Quem cala comunica”. A comunicação humana compreende muitas formas, pelas quais os homens transmitem e recebem idéias, impressões e imagens de toda ordem.

Wright (1992) assinala que um dos problemas-chave que interferem na comunicação é o se fazer compreender, em que freqüentemente as pessoas acreditam que compreendem o que seu cônjuge está querendo dizer, mas, na realidade, simplesmente não ouvem o que o outro quer dizer, pois, muitas vezes, nem mesmo o próprio cônjuge sabe o que quer dizer para o outro. O companheiro também pode se sentir indisposto para falar sobre o que está acontecendo na sua vida, criando o que Minicucci (1985) chama de um bloqueio de comunicação, perturbando assim a percepção

¹Acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR Cascavel - PR

²Professora Doutora do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR de Cascavel.

End.: Jaqueline P Martins - Rua Rui Barbosa, 611 - Jd. Cristal - 87.172-440 - Cascavel - PR - E-mail: jaquelinemartins@ig.com.br

que se tem de si próprio e do outro, tornando muitas vezes os comportamentos e atitudes superficiais, provocando ressentimentos, que, às vezes, duram longo tempo.

Para Minicucci (1985) e Penteado (1997), muitos casamentos terminam, porque nenhum dos cônjuges sabe ouvir. Ambos sabem apenas falar. Falam muito e desconhecem o silêncio e as pausas como elementos de harmonia. Ouvir quer realmente dizer que, quando alguém está falando, não se está pensando sobre o que vai dizer quando o outro para de falar, pelo contrário, se está totalmente sintonizado naquilo que a outra pessoa está dizendo.

Penteado (1997) afirma que o casamento marca uma das fases mais importantes da vida. Se, com o tempo, a rotina e a acomodação da vida a dois tomam conta dessa relação, acaba afetando-a de modo negativo, deixando o casamento com problemas. E isso não estava nos planos do casal, assim as diferenças individuais que antes foram motivos de grande atração, hoje são motivos de conflitos, permeados de desencontros, críticas e mútua intolerância.

Assim para Arantagy (2002), uma conversa sobre sexualidade só pode funcionar se houver um clima de intimidade e confiança entre os interlocutores, ou seja, uma atitude de respeito pelas dificuldades e inseguranças de cada um. De nada adianta, se um dos parceiros estiver vestido com a roupagem do saber, da autoridade, e o outro nu e ansioso, visto que ninguém gosta de falar sobre assuntos que remetem à própria ignorância e fraqueza, pois falar sobre sexualidade é falar de si mesmo, de crenças e valores pessoais. Assim é inútil tentar camuflar tais fraquezas, atribuindo essa sexualidade a modelos e parâmetros determinados, pois está relacionada à vivência de cada um, em que se faz necessário, a cada encontro, sexual um novo caminho a ser inventado e trilhado pelos parceiros.

Para Masters e Johnson (1975), é-se responsável apenas por si mesmo no relacionamento sexual, para plena comunicação da vontade sexual e subseqüentemente para expressão corporal do comportamento sexual. Conversando é que as pessoas se entendem. Para que o relacionamento sexual seja satisfatório, os parceiros devem saber o que excita o outro e o que lhe desagrada, pois, sem conversar e pensando que tudo vai bem, o parceiro segue usando os métodos que, em muitos casos, foram, são e serão ineficazes, em que cada um conhece seu próprio mapa do prazer. É por isso que é necessário dizer como percorrer suas numerosas rotas, já que nem todos podem ler os sinais que o corpo emite. Da mesma forma, deve-se estar preparado para ficar sintonizado com o outro na comunicação e na cooperação necessária, propiciando assim a satisfação das necessidades sexuais em uma ação combinada entre marido e mulher.

Reis (2001) ressalta que muito das insatisfações vividas no relacionamento sexual podem ter suas raízes no desencontro das preferências sexuais, desejos individuais, insatisfações devido à falta de comunicação do casal, que passa a atribuir ao outro a responsabilidade de ter que adivinhar o que se deseja sexualmente, constituindo um campo fértil para as decepções da vida íntima. Em contrapartida, o fato de expressar o que se deseja nem sempre é bem recebido pelo outro, quando cada um fica defendendo a sua posição, sem procurarem juntos uma saída alternativa para esse impasse, pois pela comunicação e na iniciativa para se alcançar o

que se deseja, os caminhos alternativos podem aparecer e satisfazer duas pessoas.

Kaplan (1974), nesse sentido, também assinala que, pela expressão dos desejos e sentimentos, estabelece-se um espaço de confiança entre os parceiros, porém o jeito de se transmitir é que determina os desfechos mais ou menos satisfatórios, permitindo a entrega e a integração no ato sexual.

Materiais e Método

A amostra deste trabalho foi constituída de 50 pessoas casadas (considerando casadas às pessoas que vivem juntas, não sendo necessariamente casadas no civil ou religioso), com uma média de tempo de casado de 11 anos, porém não foi levado em consideração o tempo de casado dos sujeitos para a aplicação do questionário, visto que o tempo de casado não determina se o casal se comunica de maneira eficaz ou não. Os entrevistados foram de ambos os sexos, sendo 60% do sexo feminino e 40% do sexo masculino. A faixa etária da amostra foi de 30 a 40 anos sendo que a média de idade de 34 anos e 9 meses. Todos os entrevistados residentes na cidade de Cascavel, no estado do Paraná, heterogêneos em relação ao nível sócio-econômico e nível de escolaridade mínimo de 3.º grau incompleto.

O instrumento utilizado na coleta de dados foi um questionário previamente aprovado pelo comitê de ética em pesquisa envolvendo seres humanos da Unipar. Esse questionário foi construído pelas próprias pesquisadoras, contendo 19 questões, sendo que 2 questões eram abertas, e as 17 restantes fechadas, porém, em 2 dessas questões, o sujeito deveria justificar sua resposta. No instrumento, também constam alguns dados pessoais dos sujeitos (sexo, idade, idade do parceiro, tempo de casado) para possibilitar uma melhor descrição da amostra.

Como procedimento adotado, antes da aplicação do instrumento cada voluntário recebeu um termo de consentimento livre e esclarecido, concordando em participar da pesquisa e na utilização dos resultados dela posteriormente. Para que ocorresse a coleta dos dados, realizada dentro de uma instituição de ensino superior privada, foi encaminhada uma declaração ao diretor ou responsável legal da mesma, solicitando o seu consentimento para a aplicação do instrumento e para a utilização dos dados obtidos posteriormente, em que se buscou destacar a relevância da pesquisa e as vantagens significativas para os sujeitos, e para a comunidade científica.

O passo seguinte foi contactar os sujeitos casados na faixa etária de 30 a 40 anos que estivessem dispostos a participar da pesquisa, sempre considerando o indivíduo como um ser autônomo, e que, portanto, a qualquer momento, poderia retirar-se da pesquisa, sempre buscando defendê-lo em sua vulnerabilidade.

Assim a aplicação do instrumento foi de forma individual e aleatória sem interferência das pesquisadoras, e sem influenciar os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes da amostra.

Após a coleta de dados, foi realizada a tabulação dos dados, sendo que a análise foi realizada a partir de tabelas de

frequência, de forma descritiva e quantitativa.

No que diz respeito às questões abertas, foi feita uma categorização das respostas para que elas pudessem complementar as respostas quantitativas, como é o caso das figuras 2 e 3.

Resultados e Discussão

Os dados obtidos pela pesquisa estão apresentados em forma de figuras e tabelas, esses que são referentes a ambos os sexos, em que em apenas algumas figuras e tabelas, foi estabelecido distinção para facilitar a compreensão deles. Após cada figura ou tabela, segue-se à análise dos referidos, fundamentando-se para tal no referencial teórico pesquisado.

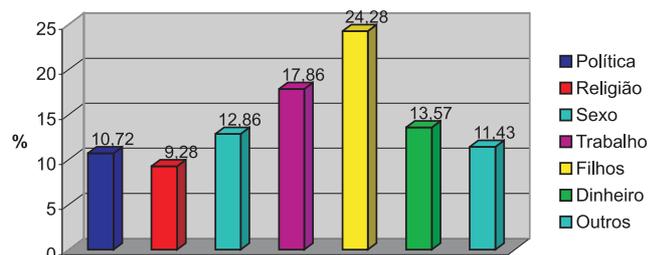


FIGURA 1: Assunto que prevalece na conversa entre os parceiros

Para Aratangy (2002), as pessoas possuem uma tendência de evitar falar de assuntos que remetem a possíveis fraquezas e inseguranças como é caso do sexo, pois falar sobre sexualidade é falar sobre si mesmo, é se revelar ao outro. Nesse sentido, o sexo vai sendo deixado em segundo plano, já que na sociedade capitalista e globalizada em que vivemos, existem assuntos considerados mais importantes e mais “aceitáveis” socialmente, visto ser mais importante o “ter” do que o “ser”.

A figura 1 vem confirmar o que foi assinalado por Aratangy (2002) e refere-se ao assunto que o pesquisado mais conversa com o seu parceiro. Em primeiro lugar, encontram-se os filhos com 24,28%, seguido do trabalho com 17,86% e do dinheiro com 13,57%, o sexo encontra-se em quarto lugar quanto ao assunto sobre o qual o pesquisado mais conversa com 12,86%, em seguida estão outros assuntos com 11,43%, política com 10,72% e religião com 9,28%.

Nesse sentido, percebe-se que os pesquisados estão conversando mais com os parceiros sobre assuntos vividos no cotidiano e, com isso, evitando falar sobre assuntos que remetem à própria subjetividade, havendo pouco compartilhamento de sentimentos, desejos ou possíveis insatisfações. Outra reflexão importante consiste no fato de que culturalmente homens e mulheres interiorizaram que falar sobre sexo é inadequado, pecaminoso, ou seja, “não é permitido” (CHAUI, 1984, LEMOS, 1994).

Um dos problemas chave que interferem na comunicação é o de se fazer compreender, pois frequentemente as pessoas acreditam em que compreendem o que seu cônjuge está querendo dizer, mas, na realidade, simplesmente não ouvem o que o outro quer dizer (WRIGHT, 1992).

Assim ao perguntar se os pesquisados acreditam em que seu parceiro entende tudo quanto ele fala, 76%

responderam de forma afirmativa, e 24% responderam de forma negativa, conforme a figura 2. Quando invertemos a pergunta e perguntamos se o pesquisado consegue entender tudo quanto o seu parceiro fala, 80% responderam entender, e 20% responderam negativamente (fig. 3).

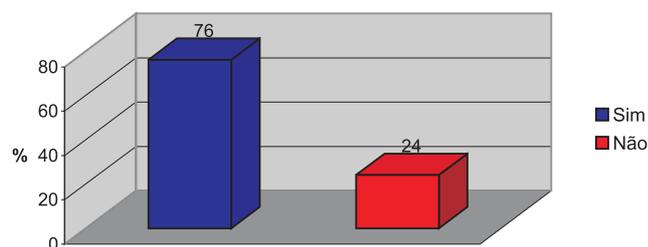


FIGURA 2: O pesquisado espera que seu parceiro entenda tudo quanto ele fala

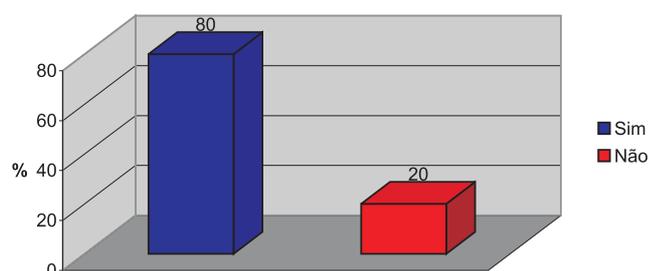


FIGURA 3: O pesquisado aparentemente consegue entender tudo quanto seu parceiro fala

Dos 76% que responderam afirmativamente que o parceiro entende tudo quanto ele fala, 60,52% justificaram o entendimento devido à existência de diálogo entre o casal, 5,27% devido aos assuntos em comum e 5,26% devido ao mesmo grau de instrução, sendo que 5,27% dos pesquisados responderam que esse entendimento se dá com algumas exceções e 23,68% preferiram não justificar sua resposta.

No que se refere aos 80% dos pesquisados que afirmam entender tudo quanto o parceiro diz, 45% justificaram seu entendimento devido ao diálogo, 10% devido à atenção dada ao parceiro, 7,5% devido à instrução (escolaridade), 5% a interesses em comum, e 2,5% responderam entender o parceiro com algumas exceções, sendo que 30% não justificaram.

Dos 24% que responderam negativamente quanto ao entendimento do parceiro, quando ele fala, 33,33% justificaram o não-entendimento devido à falta de atenção do parceiro, 25% devido à falta de instrução, 16,67% a idéias diferentes entre eles, e 25% preferiram não justificar sua resposta. Dos 20% que responderam não entender o que o parceiro fala, 60% dos pesquisados responderam ter dificuldades em se comunicar com clareza com o parceiro, 20% devido à falta de atenção, e 20% preferiram não justificar sua resposta.

Partindo dos dados obtidos e do referencial teórico, podemos concluir que as mensagens comunicadas nem sempre são percebidas pelo outro da forma que se pretendia, pois o processo comunicativo não é total ou perfeito, ocorrendo sempre algumas discordâncias entre o casal, pois cada um se comunica de maneira singular e se utiliza de formas diferentes, seja para se expressar ou para compreender o que o outro quer dizer.

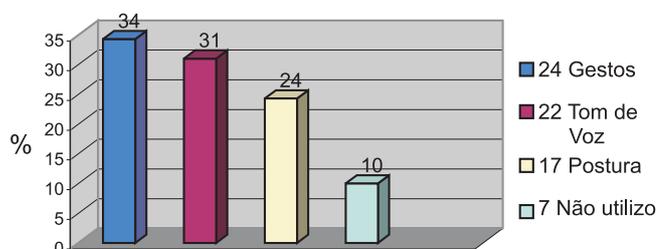


FIGURA 4: Maneira que o pesquisado utiliza para se comunicar além da comunicação verbal

A comunicação não-verbal é considerada um fenômeno que auxilia a comunicação por outros meios que não sejam palavras, em que, muitas vezes, podem comunicar mais do que uma mensagem expressada verbalmente. Para Bolsanello (1993), os indivíduos se comunicam com todo o corpo, pelos movimentos da cabeça, de expressões enviadas pelos olhos, face e corpo.

Os pesquisados, no que se referem à maneira que utilizam para se comunicar além da comunicação verbal, apresentaram os seguintes resultados conforme ilustrado na figura 4: 34% comunicam-se por gestos, 24% pela postura, 31% pelo tom de voz, e 10% não utilizam a comunicação não verbal.

Considerando os dados obtidos pode-se afirmar que a linguagem não-verbal se constitui em um elemento importante para os 78% dos pesquisados e, para 22% dos pesquisados, ela não é importante na comunicação entre os parceiros.

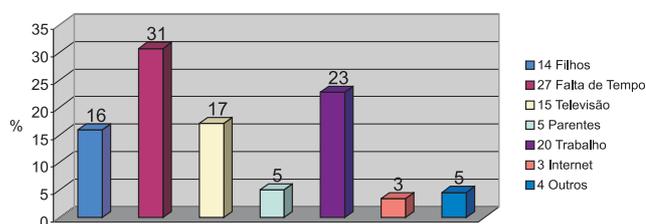


FIGURA 5: Possíveis empecilhos que dificultam a comunicação do pesquisado com o seu parceiro

Conforme Minicucci (1985), existem áreas conflitantes na vida do casal, como filhos, trabalho, dinheiro, sexo, relação com parentes, entre outros. Tais áreas podem levar o casal a sérios desentendimentos, quando não existe uma conciliação e compartilhamento de opiniões e decisões, em que cada um fica irredutível, defendendo o seu ponto de vista.

Referente aos empecilhos que podem dificultar na hora da comunicação entre o casal, a figura 5 mostra que: 31% responderam a falta de tempo como um empecilho; 23% o trabalho; 17% julgam que é a televisão, 16% os filhos, 5% pensam que os parentes podem dificultar a comunicação entre o casal, e 5% acreditam ser outros os empecilhos, e 3% acreditam que a “internet” é um empecilho.

No que se refere à falta de tempo, faz-se necessário citar que, em muitas relações, não existe tempo para compartilhar, ou, muitas vezes, não se dá o tempo necessário, principalmente quando esse compartilhar diz respeito à sexualidade, e isso pode ser encarado pelos casais como algo natural e até muitas vezes desejável, porque assim não há necessidade de se refletir sobre si próprio, e, talvez, de

mudança, em que o homem deixa de ter tempo para si e para suas relações e passa a alienar-se dentro de um sistema que dita quais as áreas da vida são mais importantes, excluindo-se assim da sua responsabilidade diante das suas relações (PENTEADO, 2002 MATOS, 2003).

TABELA1: Comparação entre o estilo comunicativo que o pesquisado gostaria que seu parceiro utilizasse para se comunicar

| Estilo Comunicativo | Homens | Mulheres |
|---------------------|--------|----------|
| Compreensivo | 50% | 43,33% |
| Espontâneo | 10% | 26,66% |
| Receptivo | 5% | 23,33% |
| Carinhoso | 30% | 36,66% |
| Tímido | ----- | 3,33% |
| Tenso | 5% | ----- |

Assim, de acordo com os dados obtidos, as mulheres e os homens concordam em que o estilo de comunicação compreensivo é o que deveria ser utilizado pelos parceiros, seguido do estilo carinhoso, em que novamente homens e mulheres foram unânimes. Para Penteado (1997), é pela compreensão que se obtém o entendimento entre os parceiros em seus relacionamentos.

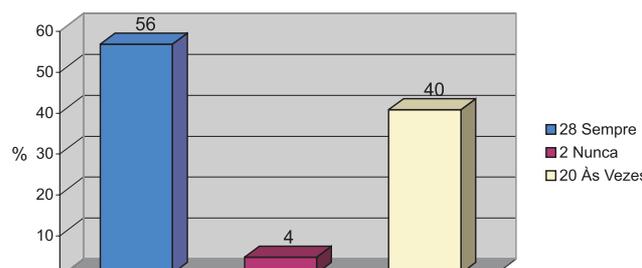


FIGURA 6: O pesquisado conversa com o parceiro sobre relacionamento sexual

É por meio da comunicação no relacionamento sexual que os parceiros poderão saber o que dá prazer e o que desagrada o outro, expressando os sentimentos e com isso criando um espaço de confiança entre ambos, pois quando um sentimento não é expresso e conhecido por ambos os parceiros, tal sentimento pode aumentar de intensidade e com o passar dos anos, representar uma ameaça a estabilidade do casal (ALBISSETI, 1997).

A partir da questão sobre o assunto que o pesquisado mais conversa, foi questionada a frequência com que o casal conversa sobre relacionamento sexual. Na figura 6, são mostrados aspectos da comunicação do pesquisado no que se refere ao relacionamento sexual, sendo que 56% dos pesquisados responderam que conversam sempre, 40% às vezes e 2% nunca conversam sobre relacionamento sexual com o parceiro.

Assim se pode concluir que dos 12,86% que conversam sobre sexo, mais da metade está se comunicando no que diz respeito ao relacionamento sexual. Porém o índice ainda é pequeno, quando se relaciona a importância que a comunicação assume no relacionamento sexual dos indivíduos. O que se remete a pensar que o restante dos

pesquisados que assinalam que, às vezes, conversam ou nunca conversam possam vir a ter ou já enfrentam dificuldades em seus relacionamentos.

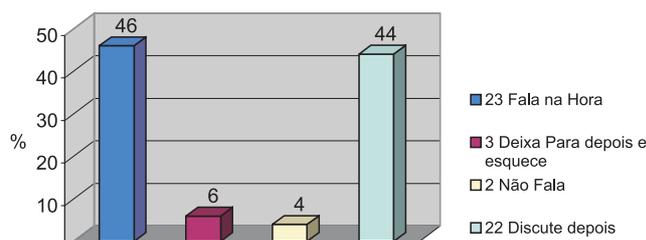


FIGURA 7: Possíveis atitudes do pesquisado quando algo o desagrada no ato sexual

Na figura acima, 46% dos pesquisados responderam que quando algo lhes desagrada no ato sexual, estes falam na hora, as mulheres falam que necessitam de afeto, das preliminares, que não basta ir direto ao coito, sendo que 44% deixam para discutir o assunto depois, 6% deixam para depois e acabam esquecendo, e 4% não falam nada ao seu parceiro.

É importante assinalar que diante de alguma dificuldade ou insatisfação o casal deve procurar aprender juntos, um buscando conhecer mais o outro, em que é necessário expressar tal insatisfação, pois, se algo não está prazeroso para um, dificilmente estará para o outro (REIS, 2001). Porém, procurando o momento que seja mais adequado, ressaltando que os sentimentos, quando não são comunicados, tendem a aumentar a intensidade, acumulando-se em queixas e frustrações.

Nesse sentido, pode-se concluir que homens e mulheres estão comunicando suas insatisfações. As mulheres estão sexualmente mais ativas, isto é, obtendo maior prazer em suas relações, e os homens aprenderam que não bastava ir direto ao coito, que as mulheres necessitavam das preliminares, de afeto, passando a se preocupar mais com suas parceiras.

Conclusão

A comunicação é um processo que proporciona que os homens consigam relacionar-se, e isso depende das muitas formas e modos desenvolvidos culturalmente e do estar no mundo de cada um, da individualidade e subjetividade humana, ou seja, pela comunicação, esse mundo particular vai sendo compartilhado e passa a ser influenciado e a influenciar os demais.

A comunicação está presente em todas as relações que se estabelecem, seja com os amigos, no trabalho ou com o cônjuge. Porém nem sempre esse processo comunicativo é eficaz. Assim a comunicação que pode transmitir de maneira clara as intenções de uma pessoa, pode também distorcer tais intenções, gerando conflitos na relação.

Visto que a comunicação está presente em todas as relações, pode-se concluir, no que tange ao relacionamento conjugal, que existe uma influência direta da comunicação, seja de modo a promover esses relacionamentos, gerando maior satisfação e intimidade entre o casal, ou distanciando os parceiros que passam a evitar falar de assuntos íntimos

e, conseqüentemente mantém uma comunicação baseada em assuntos cotidianos e superficiais.

Assim os relacionamentos conjugais que têm como base uma comunicação franca dos desejos e insatisfações, bem como formas e estilos comunicativos que buscam alcançar um relacionamento mais satisfatório tendem a desenvolver a intimidade da relação de forma mais aberta e franca, gerando reciprocidade entre o casal. Essas pessoas se apresentam mais empenhadas em mostrar-se realmente ao outro e, com isso, geram reciprocidade mútua na relação conjugal e, conseqüentemente essa reciprocidade tende a fazer parte dos demais relacionamentos do casal.

No que diz respeito às formas e estilos comunicativos, pode-se afirmar que os casais que mantêm uma comunicação mais efetiva, ou seja, quando o significado da mensagem é realmente compreendido pelo outro (receptor), possuem uma maior propensão a apresentar estilos comunicativos baseados na compreensão e na espontaneidade e a apresentar-se mais seguros em seus relacionamentos no que diz respeito ao expressar seus desejos e insatisfações ao parceiro sem medo de ser mal interpretados ou julgados.

Contudo os relacionamentos conjugais que não possuem como base uma comunicação franca dos desejos e insatisfações apresentam-se mais propensos a distorções e conflitos, pois os parceiros não possuem informações suficientes para saber o que gera prazer ao cônjuge ou mesmo o que lhe desagrada, caracterizando uma relação de adivinhação ou suposição, em que o medo e a insegurança de se mostrar se apresentam mais freqüentemente.

Nessa relação, o outro passa a ser visto como um possível símbolo de insatisfação, em que se atribui a culpa e a responsabilidade ao parceiro, adotando estilos rígidos de se comunicar, evitando falar de assuntos íntimos, como se mais nada pudesse ser feito pela relação. Como conseqüência, essas barreiras instaladas na área conjugal podem comprometer as demais áreas do relacionamento do casal.

Assim se pode afirmar que, para se construir um relacionamento no qual o casal possa desfrutar de uma relação conjugal mais satisfatória, é necessária uma comunicação eficaz, que proporcione maior conhecimento do casal.

Finalizando, esse trabalho não possui a pretensão de esgotar todos os aspectos que envolvem o tema, visto a relevância e a complexidade das relações humanas, mas sim o de contribuir com conhecimentos que possam promover maiores reflexões, que talvez possam constituir-se em novas pesquisas contribuindo assim para a comunidade envolvida.

Referências

- Albisetti V. Terapia do amor conjugal: como enfrentar os problemas da vida conjugal. São Paulo: Paulinas; 1997.
- Aratany L. Armadilha de um casamento. Revista Viver Psicologia 2002 set; 116; 23.
- Bolsanello A. Conselhos: análise do comportamento humano em psicologia. 25 ed. Curitiba: Educacional Brasileira; 1993.
- Brandt H. O segredo de um casamento feliz. 6 ed. São Paulo: Mundo Cristão; 1987.
- Chauí M. Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense; 1984.

- Kaplan H. A nova terapia do sexo: tratamento dinâmico das disfunções sexuais. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1974.
- Lemos P. Educação afetiva: porque as pessoas sofrem no amor. 8 ed. São Paulo: Lemos; 1994.
- Masters W, Jhonson, V. O vínculo do prazer. São Paulo: Círculo do Livro; 1975.
- Matos AM. Filosofia. Curitiba: Iesde Brasil; 2003.
- Minicucci A. Relações humanas: psicologia das relações interpessoais. 3 ed. São Paulo: Atlas; 1985.
- Penteado JRW. A técnica da comunicação humana. 13 ed. São Paulo: Pioneira; 1997.
- Reitor M, Trinca AR. Comunicação não verbal: a gestualidade brasileira. Petrópolis: Vozes; 1985.
- Reis MM. Sexo e diálogo. 2001. Acesso em 21 de maio de 2002. Disponível em URL: <http://www.geocities.yahoo.com.br/psicolnet/sexoedialogo.html>
- Salomé J. A incomunicação do amor no casamento. Petrópolis: Vozes; 1992.
- Wright N. Comunicação a chave para seu casamento. São Paulo: Mundo Cristão; 1992.

Recebido para publicação em: 12/08/04
Received for publication on: 12/08/04
Aceito para publicação em: 26/09/05
Accepted for publication on: 26/09/05